

Apresentação

Tanto a tradução automática como a inteligência artificial começaram a se desenvolver como campos de estudos nos anos 1940-1950 do século XX e, há cerca de quatro décadas, ferramentas que permitem ou facilitam a automatização da tradução estão presentes no cotidiano de tradutores, pelo menos em algumas áreas. É o caso, por exemplo, das memórias de tradução e dos *corpora* paralelos, cujo uso se estabeleceu, respectivamente, na década de 1980 e 1990 (Sofo, 2023). Embora a discussão sobre a relação entre a tradução humana e a tradução da máquina não seja nova, é com o surgimento das redes neurais artificiais e seu uso para construir Modelos de Linguagem de Grande Escala (*Large Language Models* ou LLMs) que, nos últimos anos, mesmo o campo da tradução literária, mais protegido de profundas inovações tecnológicas, foi impactado pelo uso de inteligência artificial. Não só o alargamento e o fortalecimento da digitalização em vários âmbitos da vida contemporânea, mas também o amadurecimento de uma geração pronta para se dedicar à atividade nesses novos termos parecem ter abalado definitivamente o equilíbrio desse nicho profissional que se relaciona com um trabalho via de regra pensado como criativo, artístico ou artesanal (Spoturno, 2024).

É um fato que as ferramentas computacionais tornam possível a análise linguística e estilística de grandes quantidades de texto em tempos cada vez menores, permitindo o refinamento da estatística textual, que pode fornecer dados para a tradução difíceis de serem obtidos manualmente. No entanto, a interação entre tradutores humanos e ferramentas de IA abre um debate de base fundamental, para nós que nos dedicamos à tradução literária, sobre a impossibilidade de preservar nuances culturais e estilísticas, tendo como consequência o apagamento da poética de qualquer obra artística. Esse aspecto nada marginal de nosso trabalho, segundo Meschonnic (2010), isto é, a observação do discurso, da historicidade e do ritmo, que traz consigo uma grande força inovativa, ficaria, assim, à irremediável deriva.

Parece-nos estratégico aqui apontar um dos principais problemas na tradução auxiliada por IA, já revelado em estudos sobre a pós-edição de traduções automáticas, que seria a prática do chamado “viés de ancoragem”: os tradutores tendem a ancorar suas decisões ou



avaliações em uma informação inicial fornecida pela máquina, mesmo que ela seja irrelevante (ATLF; ATLAS, 2023). Nesse contexto, vale ressaltar, o trabalho de pós-edição exigirá sempre um conhecimento que supere o da própria máquina, pois se a máquina se tornar cada vez melhor em traduzir tudo o que é “traduzível”, ao tradutor digno desse nome caberá sempre a tarefa central, basilar, diríamos, de traduzir o que não está escrito ou traduzir o intraduzível para adaptá-lo à cultura e à sensibilidade do público-alvo (Rediger, 2022), ou, ainda, para garantir o contínuo, não a dualidade, no tratamento das alteridades linguísticas, de que nos fala o mesmo Meschonnic.

Consequentemente, para além da profissão e da prática tradutória, é importante questionar o papel dos estudos críticos da tradução literária, que podem permanecer como estudos históricos e culturais com fronteiras bem definidas, e de menor importância, ou podem ser reafirmados ao proporem traduções artísticas a partir, por exemplo, de retraduições dos clássicos, de traduções de poesia e para o palco (pensemos, como exemplos, na transcrição de Haroldo de Campos e na Tradução-Exu de Guilherme Gontijo Flores e André Capilé), ou de traduções engajadas a partir de uma tomada de posição crítica e política frente não apenas ao texto literário, mas também à realidade (como na tradução *corsciente* de Feibriss Casillhas [2019], expressão inspirada no termo *color conscient* de Traci Ellis). Para essas finalidades, uma tradução automática seria dispensável ou constituiria a porta de entrada para uma pós-edição mais criativa ou consciente.

A proposta deste número especial pretendeu reunir artigos preocupados em compreender como a IA pode transformar as práticas tradutórias e as referências teóricas dos estudos de tradução literária, ao redefinir as formas de percepção do texto traduzido e as escolhas críticas e éticas – portanto, políticas – dos profissionais envolvidos na publicação de traduções de poesia, narrativa e teatro. Cinco artigos e uma entrevista, que apresentamos a seguir, atenderam com coragem e competência a essa chamada e compõem este “Dossiê”.

Em entrevista a Marina Fonseca Darmaros, a professora Natália Carolina Resende, do Trinity College, explica que os LLMs, como o *ChatGPT*, são pontos de virada para a tradução literária em relação às ferramentas de tradução neural anteriores, como o *Google Translate*, porque permitem a customização da tradução. É possível, por exemplo, pedir que um poema tenha uma determinada forma, ou que um determinado esquema de rimas seja reproduzido. No entanto, o resultado ainda depende muito do *prompt*, ou seja, do comando humano. Além disso, nas pesquisas realizadas por Resende, as IAs ainda não conseguem reproduzir esquemas métricos e apresentam vocabulário mais restrito, além de performarem pior quando trabalham com pares de línguas cujos *corpora* são mais restritos. Para a pesquisadora, esses sistemas, portanto, ainda são auxiliares à tradução humana.

Sob a forma de relato de experiências com turmas de graduação e pós-graduação, temáticas afins são abordadas no artigo de Lenita Maria Rimoli Pisetta, intitulado “IA Log: registro de uma experiência imersiva no ambiente da Inteligência Artificial aplicada à prática e ao ensino da tradução num ambiente acadêmico de graduação e pós-graduação”. A pesquisadora sustenta que os Modelos de Linguagem em Larga Escala (*Large Language Models*) não atingem o objetivo de reproduzir o raciocínio humano. Eles tendem, por exemplo, a cair menos em “pegadinhas” tradutórias; por outro lado, podem traduzir textos que parecem fluentes, mas são “alucinações”, ou seja, não são uma tradução do texto de partida. A autora, ao refletir sobre a interação entre a inteligência humana e a artificial nas tarefas de pós-edição e sobre o uso de IAs na tradução literária, destaca a importância de conhecer os LLMs e alerta: “a cada

interação com eles, estamos alimentando e aperfeiçoando esses modelos, num caminho sem volta. Sem remuneração alguma, alimentamos sistemas que ameaçam nos varrer de nossos postos de trabalho. É como alimentar o monstro que vai nos engolir, mais cedo ou mais tarde.”

Cynthia Beatrice Costa e Igor Antônio Lourenço da Silva relatam um experimento envolvendo cinco traduções de um microconto, sendo duas delas humanas. As análises das semelhanças e diferenças – na verdade, mais semelhanças do que diferenças, contradizendo as previsões dos pesquisadores – sugeriram que a máquina era capaz de produzir traduções bastante competentes, inclusive, gerenciando marcadores culturais, que, em geral, são vistos como prerrogativa humana por excelência no terreno da intermediação. O artigo dos dois pesquisadores se concentra no relato desse experimento e nas reflexões a partir do desconforto com os resultados obtidos.

Vanessa Lopes Lourenço Hanes também nos propõe a análise e a comparação de textos traduzidos como ponto de partida do artigo. Nesse caso, são comparadas as traduções de uma obra de Agatha Christie: duas realizadas pelo *ChatGPT* e uma por um tradutor humano publicada por uma editora nacional de grande circulação. A pesquisadora também se detém brevemente em uma tradução sem nomeação de autoria, disponibilizada em formato *e-book*, de uma editora desconhecida, buscando indícios de um trabalho de tradução automática. Vanessa Hanes percebe a razoável eficiência da máquina, mas marca a relevância dos *prompts* humanos, como evidenciado na entrevista de Natália Resende, ao se perguntar sobre o significado de seus dados para estudiosos e profissionais da área.

Andréia Guerini e Ingrid Bignardi, em “‘O Infinito’ de Leopardi: colocações morfológicas em traduções para o português geradas por inteligências artificiais”, cientes da importância dos *prompts*, os colocam no centro do seu artigo, cujo objetivo principal é, nas palavras das autoras, “realizar um estudo empírico comparativo entre as traduções do ‘O Infinito’, de Leopardi, geradas por duas das grandes IAs generativas do mercado, *ChatGPT* (versão paga 5.0 e gratuita 4.0) e *Gemini* (versão paga e gratuita 2,5 pro)”, a partir de três procedimentos. Trata-se da combinação de um agente orientador para auxiliar na elaboração dos *prompts* que serão aplicados às IAs, da análise do texto traduzido com apoio do POS Tagging por meio do *software Stanza*, e da técnica ROUGE (Recall-Oriented Understudy for Gisting Evaluation). As conclusões desse trabalho de Guerini e Bignardi ajudam a entender a importância da formulação adequada dos *prompts* para a qualidade dos resultados tradutórios, até de poemas como “O Infinito”, que inspirou traduções de muitos poetas, inclusive no Brasil, e, ao mesmo tempo, evidenciam a centralidade do trabalho humano em todas as fases, do planejamento à revisão, das traduções realizadas pelas IAs.

Enfim, Jorge Hernán Yerro, no artigo intitulado “La traducción literaria personalizada en el contexto de la inteligencia artificial conversacional”, nos convida a refletir sobre os resultados de suas experiências comparativas de três microcontos traduzidos do espanhol para o inglês por meio do *ChatGPT*, que ele expõe como traduções tendenciosas do ponto de vista discursivo, configurando um verdadeiro viés midiático. A hipótese levantada pelo autor é que “a antecipação algorítmica de interpretações personalizadas gera o que [ele] denomin[a] um viés de ancoragem desejada”, baseado nos dados que os grandes modelos de linguagens (LLMs) são capazes de organizar e utilizar para identificar personalidade, comportamentos e preferências de cada usuário. Yerro reitera, ao longo de seu texto questionador, a importância de ter sempre presente que “a adoção de qualquer tecnologia implica reproduzir e legitimar

certas estruturas de pensamento e hierarquias, bem como privilegiar determinados modos de operação em detrimento de outros”.

Como podemos observar, e talvez fosse previsível, dado o ineditismo da questão, todos os artigos partem de relatos de experimentos envolvendo IA, sendo que um deles tem seu foco na sala de aula. Certamente é esse o momento que estamos vivendo, um momento marcado por hipóteses, desconfianças, suspeitas e expectativas – catastrofistas, otimistas, paralisantes, mobilizadoras – quanto ao que virá. O pequeno “Dossiê” que construímos aqui, nesse sentido, é bastante representativo da atmosfera que cerca a tradução literária hoje e, vale dizer, não se furta a afirmar a urgência da crítica.

As organizadoras

Ana Maria Chiarini (UFMG)

Anna Palma (UFMG)

Amanda Bruno de Mello (UFSC)

Referências

ATLF; ATLAS. IA et traduction littéraire : les traductrices et traducteurs exigent la transparence. *Atlas*: association pour la promotion de la traduction littéraire, 2023. Disponível em: <https://www.atlas-citl.org/wp-content/uploads/2023/03/Tribune-ATLAS-ATLF-3.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2026.

CASSILHAS, Feibriss Henrique Meneghelli. *Tradução de histórias do Sul da Nigéria*: por uma consciência da tradução-contação na voz de uma bixa preta transviada no Brasil. Orientadora: Evelyn Martina Schuler Zea. 2019. 261 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RIEDIGER, Helmut. *Traduzione letteraria e intelligenza artificiale*: minaccia o occasione? 2022, Fabbrica dei Classici – Atti. Disponível em: https://www.academia.edu/93104367/Traduzione_letteraria_e_intelligenza_artificiale_minaccia_o_occasione. Acesso em: 2 mar. 2026.

SOFO, Giuseppe. La traduction à l'ère numérique : Histoire, évolution et perspectives de la rencontre entre la traduction et l'intelligence artificielle. In: FROELIGER, Nicolas; LARSONNEUR, Claire; SOFO, Giuseppe (ed.). *Human Translation and Natural Language Processing: Towards a New Consensus?* Venezia: Ca'Foscari, 2023. p. 17-32. Disponível em: <https://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/books/978-88-6969-763-0/978-88-6969-763-0-ch-02.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2026.

SPOTURNO, María Laura. Traducción literaria e inteligencia artificial: consideraciones para la formación universitaria. *Cadernos de Tradução*, v. 44, n. 1, p. 1-26, 2024. DOI: 10.5007/2175-7968.2024.e100602. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/100602>. Acesso em: 2 mar. 2026.